



# Obsessões pianísticas na Gulbenkian

## Crítica de música

### Ciclo *Pianomania!*



Orquestra Gulbenkian, Daniil Trifonov (piano), Hannu Lintu (maestro). Lisboa, Grande Auditório Gulbenkian. 19 de Janeiro, às 21h.



Mitsuko Uchida (piano). Lisboa, Grande Auditório Gulbenkian. 21 de Janeiro, às 18h.

O piano tem ocupado um lugar dominante nas programações da Fundação Gulbenkian, mas na presente temporada a dose foi ainda mais reforçada através do ciclo *Pianomania!*, a decorrer até amanhã. Boa parte dos maiores pianistas mundiais têm passado ao longo dos anos pelo Grande Auditório e é sem dúvida um privilégio poder ouvi-los, mas esse predomínio pianístico, assente nas enormes potencialidades do instrumento e herdeiro da própria história do concerto como evento e do modelo do recital a solo, com raízes na cultura musical oitocentista e depois cristalizado no século XX, constitui também uma receita de sucesso garantido para encher salas. Acresce que, salvo raras excepções, os programas se afastam pouco do repertório canónico. Em paralelo com a reincidência pianística é porém de louvar a aposta desta temporada na música de câmara com o Festival dos Quartetos de Cordas, que irá ter lugar entre 27 e 29 de Janeiro.

O ciclo *Pianomania!* iniciou-se simbolicamente com um exemplo fora do comum em termos de longevidade de carreira – o lendário Menahem Pressler, que continua a dar concertos aos 94 anos! (ver PÚBLICO de 12 de Janeiro) – e tem combinado a actuação de pianistas veteranas como Elisabeth Leonskaja e Mitsuko Uchida com intérpretes das novas gerações de grande projecção mediática como é o caso de Daniil Trifonov, Beatrice Rana e Yuja Wang (esta última tocará o Concerto n.º5 de Prokofiev hoje e amanhã). Proporcionou ainda a estreia do *Concerto para dois Pianos* de Mário Laginha, na interpretação do próprio e de Pedro Burmester (ver PÚBLICO de 13 de Janeiro) e actividades paralelas como filmes, docu-



DARIO ACOSTA

### O premiado pianista russo Daniil Trifonov realizou uma impetuosa interpretação de Schumann

mentários e a *performance* de *Vexations*, de Erik Satie, por Joana Gama ao longo de 14 horas.

No dia 19, o premiado pianista russo Daniil Trifonov realizou uma impetuosa interpretação do Concerto para Piano e Orquestra op. 54, de Schumann, dando voz a uma concepção que enfatizou a veia dramática da obra e apostou em veementes contrastes dinâmicos. A dimensão lírica e poética ficou assim mais na sombra, apesar de alguns sugestivos efeitos nas passagens mais intimistas. Trifonov é um intérprete de forte carisma, sonoridade poderosa e portentosa destreza técnica, que mantém vivo o interesse do discurso musical através de uma energia constante que deixa o ouvinte sempre alerta e despertou grande entusiasmo do público. O restante programa, dedicado à música finlandesa, seduziu através das quase realistas paisagens sonoras de Canticus Articus (*Concerto para Pássaros e Orquestra*), de Einojuhani Rautavaara (1928-2016), objecto de uma transparente prestação da Orquestra Gulbenkian em estreita interacção com a fita magnética (com material pré-gravado recolhido em vários locais do Círculo Polar Ártico), sob a direcção de Hannu Lintu. Com três andamentos (*O pântano, Melancholia e Cisnes em migração*), esta obra de 1972 apresenta uma sucessão de texturas que fazem mergulhar o ouvinte

te no universo da natureza e para as quais contribuem peculiares efeitos instrumentais que geram um jogo de ambiguidade entre a fita magnética e a componente instrumental. Depois do intervalo, a Sinfonia n.º2, op. 43, de Sibelius, saiu valorizada através da profunda compreensão da obra demonstrada pelo maestro e por uma esmerada prestação da orquestra.

No domingo, foi a vez de Mitsuko Uchida proporcionar uma imersão total em Schubert, um compositor chave na sua carreira, que a pianista continua a explorar com devoção, ao ponto de ter iniciado em 2017 um projecto de dois anos em torno de 12 das suas Sonatas para Piano. Em Lisboa tocou duas obras extremamente ambiciosas do ponto de vista técnico, estético e intelectual, que ostentam uma linguagem imaginativa (por vezes quase experimental), como é o caso da Sonata em Dó menor, D. 958, e da Sonata em Sol Maior, D. 894. Entre ambas ouviu-se a mais luminosa e jovial Sonata em Lá Maior, D. 664, na qual Uchida mostrou um *cantabile* cristalino, fluente agilidade e inspiração poética. Em contraste, nas restantes não se coibiu de acentuar o lado mais misterioso e sombrio do compositor, nem mesmo de arriscar uma abordagem mais agreste no caso da D. 958, através de ataques incisivos e uma sonoridade menos polida. Como *encore*, a pianista deu a ouvir uma das Pequenas Peças para Piano op. 19, de Schoenberg, recordando que é também uma ilustre intérprete deste compositor.

**Cristina Fernandes**